

ARQUIVO DA EXTERIORIDADE: BALAIOS, POÉTICA BUGRESCA E PRÉ-COISAS DA FRONTEIRA-SUL

Archive of exteriority: balaios, bugresca poetic and pre-things of the border-south

Thays dos Santos Silva¹

<https://orcid.org/0009-0001-3390-0537> 

Edgar César Nolasco¹

<https://orcid.org/0000-0002-8180-585X> 

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Campo Grande, MS, Brasil. 79070-900 – ppgel.faalc@ufms.br

Resumo: Este artigo visa tratar acerca do conceito de arquivo da exterioridade (Nolasco, 2019), bem como este pode ser compreendido e pensado a partir da fronteira, tanto geográfica quanto epistêmica, emergente do biolocus (Nolasco, 2015) sul-mato-grossense. Para isso, propomos uma reflexão teórica que objetiva pensar e contrapor a noção de arquivo apresentada em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (2001), de Jacques Derrida. Iniciaremos, então, as reflexões a partir do estudo das obras *Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal* (2021), do autor Manoel de Barros, e da obra *Balaio de bugre* (1992), de Hélio Serejo, assim como da produção artística de Conceição dos Bugres à luz de teorias perpassadas pelo crivo da crítica biográfica fronteira (Nolasco, 2015). Dessa forma, os conceitos que irão reger a teorização proposta são: despoética (Nolasco, 2021) balbucio teórico (Achugar, 2006) e exterioridade (Mignolo, 2017). Pretendemos assim, a partir das referidas obras e dos conceitos atrelados, tratar a noção de um arquivo fronteira.

Palavras-chave: arquivo da exterioridade; cultura local; crítica biográfica fronteira.

Abstract: This article aims to deal with the concept of the archive of exteriority (Nolasco, 2019), as well as this can be understood and thought from the frontier, both geographical and epistemic, emerging from the biolocus (Nolasco, 2015) from Mato Grosso do Sul. For this, we propose a theoretical reflection that aims to think and oppose the notion of archive presented in *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (2001), by Jacques Derrida. We will begin, then, the reflections from the study of the works *Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal* (2021), by author Manoel de Barros, and the work *Balaio de bugre* (1992), by Hélio Serejo, as well as the artistic production of Conceição dos Bugres in the light of theories permeated by the sieve of the Biographic frontier criticism (Nolasco, 2015). Thus, the concepts that will govern the theorization proposed are: despoetic (Nolasco, 2020) theoretical babble (Achugar, 2006) and exteriority (Mignolo, 2017). Thus, from these works and the concepts linked, we intend to treat the notion of a border archive.

Keywords: exteriority archive; local culture; biographic frontier criticism.

A exterioridade do arquivo

A exterioridade não é um fora do capitalismo e da civilização ocidental, mas o fora que se cria no processo de criar o dentro. O dentro da modernidade ocidental foi construído desde o Renascimento, baseado na dupla, simultânea e contínua colonização do espaço e do tempo. (Mignolo, 2017, p. 29)

A presente teorização tem como objetivo promover uma reflexão teórica acerca do conceito de arquivo da exterioridade (Nolasco, 2019) perpassado pelo crivo da crítica biográfica fronteira¹ (Nolasco, 2015). Para tal intento, tem-se o intuito de contrapor a noção de arquivo proposta por Jacques Derrida em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (2001), com o arquivo da exterioridade. Para isso, parte-se do estudo de *Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal* (2020), do autor Manoel de Barros, *Balaio de bugre* (1992) do autor Hélio Serejo, assim como da produção artística de Conceição dos Bugres à luz de teorias, conceitos, reflexões e conversas teóricas (Mignolo, 2003a). Dessa forma, os conceitos que baseiam a noção pretendida de *arquivo da exterioridade* são: despoética e exterioridade.

Nesse ínterim, tendo como base que o conceito de exterioridade irá perpassar todo o pensar aqui erigido, tomamos como imprescindível evidenciá-lo, uma vez que sua compreensão irá embasar a reflexão proposta. Assim, retomando a epígrafe deste trabalho, podemos entender a exterioridade enquanto criação de uma narrativa de interioridade moderna que, ao ser disseminada como um ideal de hegemonia, circunscreveu as fronteiras (epistêmicas e geográficas): o fora da borda, subalterno e não considerado (Mignolo, 2017). Por moderno, compreendemos este enquanto um mecanismo retórico utilizado para dominar e excluir, que se esconde atrás do discurso salvífico do progresso, da evolução (Mignolo, 2017).

Assim, procurando elencar uma discussão sobre o que implica a exterioridade, o teórico Walter Mignolo, em sua obra *Habitar la frontera* (2015), destaca a seguinte assertiva: “[...] la exterioridad es el lugar donde se inventa lo externo (por ejemplo, *anthropos*) en el proceso de crear lo interno (por ejemplo, *humanitas*) con el fin de salvaguardar el espacio seguro donde vive el enunciante” (Mignolo, 2015, p. 42-43)². Nessa passagem, o pesquisador esclarece a exterioridade, entendendo-a como sendo o meio em que o pensamento moderno, enquanto centro e, portanto, a parte interna do saber ocidental, cria

¹ A crítica biográfica fronteira, como conceituada e cunhada por Edgar Cézar Nolasco, emerge da confluência entre os estudos crítico-biográficos e a descolonialidade, visando abranger um pensar/teorizar epistêmico que parte do biótopo (*bios* = vida + *lócus* = lugar) (Nolasco, 2015, p. 5), da exterioridade (Nolasco, 2015, p. 5). Assim, o teórico afirma que essa exterioridade/fronteira não está alocada apenas na epistemologia, mas também na questão geográfica (Nolasco, 2015) visto que esta teorização nasce de nossa fronteira-sul, Mato Grosso do Sul, tríplice fronteira por excelência (Nolasco, 2015, p. 6).

² Trecho traduzido: “[...] a exterioridade é o lugar onde o externo (por exemplo, *anthropos*) é inventado no processo de criação do interno (por exemplo, *humanitas*), a fim de salvaguardar o espaço seguro onde o enunciatador vive.” (Mignolo, 2015, p. 42-43, tradução nossa).



a exterioridade, aquilo que está à margem da sociedade. Desse modo, tudo que não parte do lócus eurocêntrico – saberes, corpos, memórias e epistemologias – é alocado na exterioridade, criando assim as fronteiras geográficas, epistêmicas e culturais. Como afirma Edgar Cézár Nolasco, professor e doutor na área de estudos comparados, em *Perto do coração selvagem da crítica fronteiriza* (2013), os habitantes da fronteira, no caso de Mato Grosso do Sul, pensam e produzem a partir da fronteira e de suas histórias locais enquanto uma prática de teorização epistêmica.

Pretende-se, assim, a partir das referidas produções, por meio dos conceitos atrelados, iniciar uma conceituação do arquivo da exterioridade³, este enquanto arquivo da fronteira, lócus que congrega as histórias e saberes locais eternizados nas produções literárias/epistêmicas dos autores do nosso estado, Mato Grosso do Sul. O título deste trabalho “Arquivo da exterioridade: balaios, poéticas bugresca e pré-coisas da fronteira-sul” atenta-se ao recorte epistemológico por nós erigido, visto que as obras pertencentes a uma produção e pensar sul-fronteiriço carregam em suas narrativas paisagens (Nolasco, 2011), histórias e o saberes locais pertencentes a memórias e corpos ocupantes da exterioridade, os quais estão à margem da narrativa moderna e das epistemologias ocidentais, sendo partes constituintes deste arquivo outro, emergente da tríplice-fronteira: Brasil, Paraguai e Bolívia.

O balbucio das pré-coisas

Aqui é o Portão de Entrada para o Pantanal. (Barros, 2021, p. 10)

Bugre gosta de conversa. Fala um tempão, rindo à toa, sacudindo o corpo, cuspidando no braseiro e comendo mandioca assada. Mandioca assada é banquete de bugre. (Serejo, 1992, p. 5)

Em busca de iniciar a reflexão proposta, tendo em pauta as epígrafes supracitadas, nosso intuito, a partir de uma conversa (Serejo, 1992) de pensares/epistemes locais, pauta-se em abrir os portões de entrada para nosso arquivo fronteiriço (Barros, 2020), o pensar inicial do arquivo da exterioridade (Nolasco, 2019). Ressaltamos, assim, a necessidade de um pensar outro (Mignolo, 2003b), que, de maneira objetiva, está para um pensamento que emerge fora do centro, que está para as bordas, contemplando as histórias locais (Mignolo, 2003a) do nosso lócus sul-fronteiriço. Para que possamos alcançá-lo, deixamos clara a não-pretensão de endossar a conceituação moderna e, sim, propor um pensar outro, da exterioridade, buscando contrapor conceito de arquivo de Jacques Derrida, em *Mal de arquivo* (2001). O franco-argelino o toma enquanto memórias consignadas, que sobrepostas umas às outras, aniquilam as antecessoras.

Nessa perspectiva, Derrida afirma: “[...] o sentido de ‘arquivo’, seu único sentido, vem

³ Gostaríamos de ressaltar que, neste artigo, tendo em vista que seu desdobramento é fruto de um anteprojeto de mestrado, iremos deter-nos em questões pontuais que serão melhor desenvolvidas e abordadas ao longo da pesquisa.



para ele do arkheion grego: inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam” (Derrida, 2001, p. 12). Tendo que o sentido de arquivo que propusemos sustenta criticamente a discussão e está atravessado por uma ideia de lócus, o *arquivo da exterioridade* se molda enquanto um lugar. Assim, o nosso arquivo exteriorizado emerge da inerência do corpo e do lócus, a *partir* do pensar descolonial, em que a conceituação pretendida passa pelo biolócus (*bios* = vida + lócus = lugar) (Nolasco, 2015). Por conseguinte, o pensar se dá por meio de uma teorização epistêmica que parte da *cultura local*: nossas sensibilidades (Nolasco, 2011). Em contrapartida, o arquivo proposto por Derrida (2001) abrange a realidade e noção pretendidas por uma forma de pensar que não está alocada na condição de assujeitado colonizado. Seu teorizar, então, levando-se em conta o crivo da diferença colonial (Mignolo, 2003a), não consegue abranger realidades outras. Entende-se por diferença colonial o lugar onde a colonialidade do poder, ou seja, a dominação eurocêntrica, atua, impondo sua história colonial e suprimindo a história local como uma ficção, de uma criação de sua interioridade (Mignolo, 2003a). Sendo assim, alocados na exterioridade, dá-se a necessidade de pensar uma noção outra de arquivo, uma que contemple a nossa história e culturas locais.

Ademais, como endossado pelo franco-argelino “[...] não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade.” (Derrida, 2001, p. 22). Pensamos, assim, uma interioridade que cria a exterioridade (Mignolo, 2017), na qual o arquivo derridiano (moderno), enquanto colonizador (porque pertencente e pensado historicamente a partir de um lócus colonizador), sobrepusera e fora exportado como um referencial, uma narrativa que, ao traçar uma história sob um único viés, pregou-se como verdade e, como consequência, suprimiu as histórias e os arquivos externos/locais (colonizados) (Mignolo, 2003a). Como apresentado por Edgar Nolasco (2013), reproduzimos esse discurso moderno em nossas produções críticas e epistêmicas, tendo em vista que as teorias, em sua maioria, partem do centro da modernidade ocidental. Portanto, pensamos e endossamos um arquivo criado no centro e para o centro, o qual dissemina uma visada homogeneizante. Nessa perspectiva, Mignolo, em seu texto “Desobediência epistêmica”, destaca:

A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta [...] (Mignolo, 2008, p. 290)

Por meio disso, nossa reflexão não visa ignorar o arquivo de Derrida, mas, sim, pensar em um arquivo outro, pautado em perspectivas, que atravessadas pelo crivo da crítica biográfica fronteiriça, implicam teorizar a partir de⁴ (Mignolo, 2003a) e não sobre.

⁴ Para esse conceito, estamos assentados nos postulados de Mignolo, em que afirma: “Só estou dizendo que a produção do conhecimento é inseparável das sensibilidades do local geostórico e que os locais históricos,

Assim, a partir da exterioridade, entendemos o arquivo enquanto um lugar no qual as histórias locais são suprimidas pelas histórias globais (Mignolo, 2003a), narrativas hegemônicas tomadas como único viés possível, que acabam por invalidar discursos e epistemologias que emergem fora do centro. Posto isso, de modo a pensar esse arquivo exteriorizado, as obras presentes, aqui privilegiadas, encenam o corpo do que chamamos de arquivo da exterioridade.

A obra do autor Manoel de Barros, *Livro de pré-coisas*, a partir do nosso olhar crítico biográfico fronteiriço, contempla as histórias locais e paisagens (Nolasco, 2011) de nossa fronteira-sul, assim como detém em sua narrativa arquivos e experiências que atravessam corpos e *bios* daqueles que se encontram na fronteira. À vista disso, o escritor fronteiriço cria uma relação que está para além da composição textual: uma forma de pensar epistemicamente a partir da/na fronteira-sul, contrapondo, por conseguinte, a teorização despoética (Nolasco, 2021) com a poética moderna, ou seja, a desrazão com a razão ocidental moderna.

Em sua prosa poética “Mundo renovado”, Manoel afirma: “A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.” (Barros, 2020, p. 21). Em nossa leitura, o não-limitar do território pantaneiro fronteiriço traz um pensar que contrapõe o pensamento hegemônico com o fronteiriço, levando-nos a questionar o modo como aquele pensamento nos alocou em limites territoriais e epistêmicos, ideologias reproduzidas e endossadas pela modernidade (Nolasco, 2013). A exemplo, o conceito de arquivo trabalhado por Jacques Derrida está para uma régua existidura de limite (Barros, 2020), produzido a partir e para o centro, em que não consegue abarcar ou suprir o nosso pensar, uma vez que somos atravessados pela diferença cultural e colonial (Mignolo, 2003), levando-nos a exercer a desobediência epistêmica (Mignolo, 2010) no ato de escolher, pensar e teorizar o arquivo outro.

Na esteira dessa discussão, objetivando desobedecer aos limites da *régua*, ou seja, o ato de teorizar na égide de uma epistemologia descolonial ao pensarmos *a partir* do biolócus sul-fronteiriço, valemo-nos, agora, da obra *Balaio de Bugre*, de Hélio Serejo, ressalta-nos como imprescindível para pensar o assujeitado da exterioridade, o *anthropos* (Mignolo, 2017). Em seu projeto intelectual, perpassado por suas vivências e paisagens geográficas, Serejo apresenta uma forma outra de produzir epistemicamente como e enquanto bugre que carrega seu balaio de histórias locais e sensibilidades de sua despoética bugresca: “E, por acaso, não é o autor bugre também? Bugre legítimo, com arremedos de homem civilizado!” (Serejo, 1992, p. 5). Enquanto bugre com arremedos de homem civilizado (Serejo, 1992), pensa enquanto o outro, aquele que foi criado pelo Humanitas (Mignolo, 2017) e, enquanto criação, subverte a ideologia e a poética modernas ao realizar um balaio de memórias, de arquivos da exterioridade.

no mundo colonial/moderno, foram moldados pela colonialidade do poder. A pesquisa, as teorias itinerantes, os acadêmicos sedentários e os errantes, no Primeiro ou no Terceiro Mundo, não podem evitar as marcas inscritas em seus corpos pela colonialidade do poder que, em última análise, orientam sua reflexão.” (Mignolo, 2003, p. 256).



Pensar no sujeito da exterioridade, a partir de nosso Serejo, o bugre, criado e fetichizado por um pensamento hegemônico (Nolasco, 2015), no intento de pensar para além de Derrida, compreendemos que o arquivo da colonialidade escamoteia o arquivo da fronteira, ao propor uma ideia centrada no sentir e pensar eurocêntrico, no qual o assujeitado da exterioridade, criado pelo pensamento interno do *humanitas* (Mignolo, 2017), encontra-se na quase inexistência; na chancela de Mignolo (2017), no lado mais escuro da modernidade, isto é, perpassado pela colonialidade. O bugre retratado por Serejo (1992) traz o corpo descartado pela política e filosofia ocidental moderna, na qual a racionalidade e o pensamento detiveram a primazia no modo de teorizar e ver o mundo, não passando pelo *bios*. Nossos arquivos fronteiriços não são apagados apenas no campo da memória e dos registros, mas nos corpos, nos feminicídios, nos crimes de racismo, nas vozes caladas por um sistema estruturalmente colonial (Mignolo, 2003a).

Além dos autores até aqui mencionados, detemo-nos, por fim, na artista popular indígena Conceição dos Bugres. Seus “Bugrinhos”, esculpidos em madeira, a partir de nossa leitura, aludem corpos e histórias locais (Mignolo, 2003a) de seu povo da fronteira, povo esse assujeitado e fronteiriço por excelência. A sua manifestação cultural, que beira a artesanaria, congrega exterioridades, arquivos, silêncios, os quais podem ser resgatados por meio de um arquivo da exterioridade. Assim, possibilitam-nos pensar em um balbucio teórico (Achugar, 2006) epistêmico, que parte de uma voz outra, silenciada histórica e socialmente, invisibilizada (Santos, 2010) e que, portanto, apenas balbucia. Seus “Bugrinhos”, além de partirem das sensibilidades locais, metaforiza um arquivo da exterioridade que reivindica o discurso inferiorizado por partir de um biolocus e de uma língua do “Terceiro mundo”.

Figura 1 – Bugre, Conceição dos Bugres.



Fonte: Os condenados da fronteira (Nolasco, 2015).

[Descrição da imagem] Imagem do bugre da Conceição dos Bugres. Alocada em fundo branco, iluminada de frente, a escultura projeta uma sombra na parede à direita, bem como possui seus olhos, cabelos, sobranceiras e nariz evidenciados com a cor preta. Sua boca, esculpida em linha reta, sobressalta uma mera noção dos lábios, que possuem, como o resto da escultura, sua cor em madeira [Fim da descrição].

O bugre da artista Conceição pode evidenciar o *bios* do andariego fronteiriço, o nativo destituído de suas terras e relegado ao esquecimento. Como se pode observar na imagem acima, a mera inscrição de uma boca evoca a ausência de sua história local, uma que não foi e não é narrada a partir de sua voz ou de seus antecessores, mas, sim, por uma régua existidura de limites (Barros, 2020). Em seus lábios pouco traçados e abertos, o bugre balbucia e carrega em seu balaio o que lhe é sagrado, a *cultura local* (Nolasco, 2011) fronteiriça: seus afetos, saberes e vivências ignorados pela colonialidade. A partir de seu biolocus, nossa bugra artista pensa a condição de seu povo. De modo a elucidar, Nolasco, através de sua despoética presente no livro *Pântano* (2014), apresenta a seguinte reflexão:

[...] Meus bugres sou eu, poderia ter dito Conceição. E se o disse, de nada adiantou, pois o estado e uma estética moderna que grassa na fronteira fizeram ouvidos moucos à sua boutade bugresca. Já os bugrinhos, se tivessem direito à fala, teriam dito: nós somos um outro. (Nolasco, 2014, p. 31)

Em ouvidos moucos (Nolasco, 2014), coube apenas à Conceição balbuciar nossa história e cultura locais. Trouxe em seus traços a paisagem e a transfiguração do corpo pertencente à exterioridade, o assujeitado fronteiriço: a criação da interioridade do mundo moderno (Mignolo, 2017). A partir da artista, pensamos a cultura local, o balbucio que atravessa nossos arquivos, saberes e vozes vítimas dos epistemicídios (Nunes, 2010), bem como a morte do conhecimento outro, esta que ocorre por meio do aniquilamento dos corpos.

A cultura local, parafraseando Mignolo (2003a), fora suprimida por uma cultura ocidental colonizadora que, emergindo do centro europeu, destinou-se a ditar e postular o que é ou não considerado nas histórias ditas como globais (Mignolo, 2003a). Na égide desse pensamento, já reiterado, é possível compreender o modo como o arquivo exteriorizado balbuciou e ainda balbucia em relação à perspectiva moderna das narrativas. Uma vez que a interioridade criou a exterioridade (Mignolo, 2017), compreendemos que nossa concepção de arquivo está atravessada por criações de um ponto de vista unilateral (Segato, 2019), interiorizado e exteriorizado como verdade única e absoluta.

Tendo previamente o modo como as obras dos artistas congregam o arquivo da exterioridade, é importante salientar que, a partir de duas idiosincrasias composicionais, evoca-se uma conversa bugresca. Adiantamos que esse pensar não está pautado em uma questão étnica, mas, sim, em uma *episteme* (modo de pensar o mundo) atravessada por um biolocus emergente de uma cultura local da tríplice-fronteira, do andariego fronteiriço (Serejo, 1992). Como supracitado na epígrafe de Hélio, o bugre conversa como um modo



de pensar, entender, criticar e questionar as opções que lhes são fornecidas (ou, como na maioria dos casos, impostas). É a partir desse pensamento que se erige uma relação intrínseca entre as obras, as quais conversam e se assemelham por meio da cultura local (Nolasco, 2011), permitindo uma leitura crítica biográfica fronteiriça.

O arquivo fronteiriço

O pensamento fronteiriço é a condição necessária para que existam projetos desocidentalizador e descolonial. No entanto, estes diferem radicalmente em seus objetivos. É uma condição necessária porque afirmar a desocidentalização implica pensar e argumentar em situação de exterioridade com respeito à própria ocidentalização moderna. A exterioridade não é um fora do capitalismo e da civilização ocidental, mas o fora que se cria no processo de criar o dentro. (Mignolo, 2017, p. 29).

Diante do que foi apresentado, pensar o arquivo da exterioridade enquanto nosso balaio é, por conseguinte, pensar um arquivo fronteiriço, que, como dito, pertence a uma fronteira epistêmica e geográfica por excelência. Posto isso, as obras escolhidas para a presente proposta carregam paisagens que possibilitaram a condição necessária para pensar o corpo desse arquivo fronteiriço. Ao emergirem da fronteira e balbuciarem suas histórias locais, evidencia-se uma cultura local composta por afetos e espaços (Nolasco, 2011), bem como conversam entre si atravessadas por uma poética bugresca (Nolasco, 2014) e, principalmente, por uma cultura local que emerge da fronteira-sul, portando a essência do assujeitado fronteiriço.

Por conseguinte, é preciso argumentar que a produção crítica biográfica fronteiriça só pode ser efetuada a partir (Mignolo, 2003a) do biólócus (Nolasco, 2015). A produção epistêmica aqui erigida perpassa pelas sensibilidades, histórias locais e epistemologias que emergem da fronteira, e, assim, ao comporem nossos arquivos e balaio, permitem que haja um pensar descolonial, o qual prima pela presença do corpo. Na égide desse pensar, a epistemologia descolonial rompe com o pensar cartesiano que prima pela racionalidade como condição para a existência do sujeito, a separação entre o pensamento e o corpo. Ao romper com cartesianismo (Mignolo, 2010) a descolonialidade, então, entende a presença do *bios* circunscrito no modo de pensar, rompendo com a racionalidade que prima apenas pelo intelecto e relega o corpo ao esquecimento, hierarquizando o saber moldado por pressupostos de idealização emergentes de epistemologias eurocentradas, postuladas enquanto referencial.

Evocando agora a epígrafe apresentada nesta seção, as condições fronteiriças dos artistas e dos pesquisadores, habitantes da exterioridade, permite evocar o arquivo da exterioridade e pensá-lo pelo crivo da crítica biográfica fronteiriça enquanto uma forma outra que contemple a diferença colonial. Por intermédio disso, em busca de desobedecer a tais postulados, o balaio, como apresentado por Hélio (1992), carrega mil e uma coisas, mas que não se encontram aquém do biólócus, uma vez que “Bugre briga e morre para defender



seu balaio. Tem-lhe estima imensa. É jóia preciosa que a natureza lhe deu.” (Serejo, 1992, p. 5). Assim tomamos o arquivo da exterioridade: um balaio composto por paisagens, afetos, balbucios e epistemologias que partem do *bios* e do lócus fronteiriço, atravessado pela colonialidade e suas mazelas. Um modo de pensar que está intrinsecamente ligado ao corpo, que fora exteriorizado.

Portanto, o balaio, em sua *paisagem* atravessada por um pensar que busca romper com os paradigmas de uma epistemologia hegemônica, permite pensá-lo enquanto lócus de consignação, o arquivo que deve ser aberto em busca de emergir tudo aquilo que fora suprimido pelo discurso global (Mignolo, 2003a). Dessa maneira, a escolha por epistemologias outras, como trabalhado por Mignolo (2008), tem como cerne o ato de escolher e, conseqüentemente, de desobedecer (Mignolo, 2010) aos pensares colonizadores/modernos. Assim, nessa desobediência, ao balbuciar epistemes fronteiriças, buscamos desprender-nos e pensar/teorizar a partir da/na fronteira-sul, de modo a abrir e pensar nosso arquivo fronteiriço.

Referências

- ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BARROS, Manoel de. **Livro de Pré-coisas**: roteiro para uma excursão poética no pantanal. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. de Cláudia de Moraes rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia, v. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 22 maio. 2023.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**: Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em: 20 jan. 2024.
- MIGNOLO Walter. **Desobediência epistêmica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialid. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2010.
- MIGNOLO, Walter. Sí, podemos. In: GIULIANO, Facundo (org.). **¿Podemos pensar los no-europeos?** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018, p. 131-173.
- MIGNOLO, Walter (org.) **Des-coloniladad del ser y del saber**. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2006.
- MIGNOLO, Walter. **El vuelco de la razón**: diferencia colonial y pensamiento fronterizo. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2011.



MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo horizonte: Editora UFMG, 2003a.

MIGNOLO, Walter. Prefacio a la edición castellana: un paradigma outro: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítica. *In*: MIGNOLO, Walter. **Historias locales/diseños globales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Ediciones Akal Sa, 2003b. p. 19-60.

NOLASCO, Edgar César. Bugres subalternus. **Cadernos de Estudos Culturais**: Estudos Culturais, v. 1, p. 9-16, 2009.

NOLASCO, Edgar César. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?. **Cadernos de Estudos Culturais**: Ensaio biográfico, v. 1, p. 59-74, 2020.

NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). **Cadernos de Estudos Culturais**: Brasil/Paraguai/Bolívia. v. 7, p. 47-63, 2015.

NOLASCO, Edgar César. **Gramática despoética da fronteira**. Campinas: Pontes, 2021.

NOLASCO, Edgar César. Fronteira-Sul: o arquivo da exterioridade. **RELACult** – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, p. 1-21, 2019.

NOLASCO, Edgar César. O que é, afinal, cultura local?. *In*: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; NOLASCO, Edgar César; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul**: por uma conceituação da identidade local. Campo Grande: Life Editora, 2001, p. 131-182.

NOLASCO, Edgar César. Os condenados da fronteira. **Cadernos de Estudos Culturais**: Povos indígenas. v. 7, p. 46-64, 2015.

NOLASCO, Edgar César. **Pântano**. São Paulo: Intermeios, 2014.

NOLASCO, Edgar César. **Perto do coração selbaje da crítica fronteriza**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NUNES, João Arriscado. O resgate da epistemologia. *In*: MENESES, Maria Paula, SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 261-290.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *In*: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SEGATO, Rita. La perspectiva de la colonialidad del poder. *In*: QUIJANO, Aníbal. **Ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires: Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2019, p. 31-60.

SEREJO, Hélio. **Balaio de Bugre**. São Paulo: Gráfica e Editora Cingral, 1992.



NOTAS DE AUTORIA

Thays dos Santos Silva (thayssantosje@gmail.com) é mestranda em Estudos de Linguagens (PPGEL) com o projeto *Arquivo da exterioridade: pré-coisas da fronteira-sul*, bolsista de mestrado CNPq, graduada em licenciatura em Português e Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), é membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) e participante do projeto Cadernos de Estudos Culturais. Fluente em Libras, possui formação em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Edgar César Nolasco (ecnolasco@uol.com.br) é professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e bolsista titular do CNPq. Possui mestrado em Teoria da Literatura (UFMG), doutorado em Literatura Comparada (UFMG), com pós-doutorado em Cultura (PACC-UFRJ). É fundador e coordenador do NECC: Núcleo de Estudos Culturais Comparados (desde 2009).

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

SILVA, Thays dos Santos; NOLASCO, Edgar César. Arquivo da exterioridade: balaios, poética bugresca e pré-coisas da fronteira-sul. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 29, p. 01-11, 2024.

Contribuição de autoria

Thays dos Santos Silva: concepção, curadoria dos dados, elaboração do manuscrito, redação do manuscrito e discussão de resultados.

Edgar César Nolasco: curadoria dos dados, supervisão, redação – revisão e edição e discussão de resultados.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses:

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 26/04/2024

Aprovado em: 08/05/2024

Publicado em: 16/08/2024

